

FAMÍLIA E SUICÍDIO: ASPECTOS PSICOSSOCIAIS E REDE SOCIAL DE SUPORTE

FAMILY AND SUICIDE: PSYCHOSOCIAL ASPECTS AND SOCIAL SUPPORT NETWORK

Dhara Dalila Medeiros Batista¹

Rodrigo Rodrigues Chagas²

Jeovane Gomes de Faria³

RESUMO

O presente estudo objetivou compreender os aspectos psicossociais de famílias que experimentaram suicídios entre seus membros. Este estudo foi conduzido como uma pesquisa exploratório-descritiva, utilizando um delineamento qualitativo. Quatro membros de diferentes famílias participaram do estudo. Os resultados revelaram duas categorias de análise: uma relacionada ao indivíduo que cometeu suicídio e outra relacionada à família. Foi observado que o suicídio afeta profundamente todas as pessoas envolvidas, gerando sentimentos de perda, desolação e questionamentos sobre a existência após a morte. Além disso, foi identificado o estigma social associado ao suicídio, que pode resultar em exclusão e silêncio sobre o ocorrido. Entre as estratégias de enfrentamento identificadas, destaca-se o apoio da família nuclear e o papel da religião na procura por sentido frente à perda e na reconstrução após a tragédia. Ressalta-se a necessidade de novos estudos que adotem uma abordagem reflexiva em relação ao suicídio, buscando ampliar o conhecimento sobre esse fenômeno e melhorar a assistência aos familiares sobreviventes.

Palavras-chave: *Suicídio; Família; Rede social*

ABSTRACT

The present study aimed to understand the psychosocial aspects of families who have experienced suicides among their members. This study was conducted as an exploratory-descriptive research using a qualitative design. Four members from different families participated in the study. The results revealed two categories of analysis: one related to the individual who committed suicide and the other related to the family. It was observed that suicide deeply affects all the people involved, generating feelings of loss, desolation and questioning about existence after death. In addition, the social stigma associated with suicide was identified, which can result in exclusion and silence about what happened. Among the coping strategies identified, the support of the nuclear family and the role of religion in the search for meaning in the face of loss and in the reconstruction after the tragedy stand out. The need for new studies that adopt a reflexive approach to suicide is emphasized, seeking to expand knowledge about this phenomenon and improve assistance to surviving family members.

Keywords: *Suicide; Family; Social network*

¹Graduanda em Psicologia pela UNISOCIESC. E-mail: dharadalila@gmail.com.

²Graduando em Psicologia pela UNISOCIESC. E-mail: rodrigo.r.chagas@gmail.com.

³Mestre e Doutor em Psicologia, Professor do Curso de Psicologia da UNISOCIESC. E-mail: jeovane.faria@unisociesc.com.br.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história civilizatória da humanidade a tentativa em dominar o que se denominou como tempo é a busca constante do ser racional. Uma estratégia foi estabelecer onde começa (nascimento) e onde termina (morte) a vida. A partir disso se tem a luta constante pela existência e sobrevivência, com a busca por avanços no conhecimento que permitissem o prolongamento da vida, quiçá a eternidade (objetivo dos antigos alquimistas). Na contramão desse processo evolutivo tem-se as questões que envolvem o suicídio, que, em uma das definições possíveis, seria uma desistência de busca pela longevidade, uma ação abortiva da própria existência. Será mesmo? Ou o suicídio seria a vitória do ser humano frente ao fator tempo, uma vez que o mesmo passa a determinar a própria finitude? Enfim, tal temática irá percorrer os debates acadêmicos, místicos e religiosos ao longo dos milênios, com inferências e polêmicas que vão desde a compreensão de sofrimento a reflexões acerca do sagrado direito à vida. É fundamental compreender o luto como uma experiência natural da vida, que pode envolver sentimentos desconfortáveis como tristeza, revolta e ansiedade. (Rocha & Lima, 2019). A vivência do luto para os familiares do suicida é uma experiência de crise que está intrinsecamente ligada à necessidade de desempenhar múltiplos papéis sociais, resultando em uma sobrecarga emocional significativa. (Franco, 2011).

Em busca de sentido para a perda o enlutado buscará formas de atribuir justificativas a esta ocorrência. Franco também destaca que os impactos desta perda aumentam o risco de suicídio entre os envolvidos. As famílias dos suicidas diminuem suas redes de apoio e muitas vezes enfrentam o fenômeno de diminuição das suas redes de apoio, levando ao isolamento social.

(Tavares, 2013). Ferramentas externas como religiosidade podem auxiliar o processo de elaboração do luto, pois frente a impotência implicada pela morte, os indivíduos buscam algum controle sobre ela por meio de rituais que permitam a construção de novas representações simbólicas (Quintana, 1999).

Diante deste cenário, esta pesquisa buscou compreender três objetivos distintos: o impacto do suicídio no contexto familiar dos enlutados, as ferramentas de enfrentamento, bem como a rede social neste processo de enlutamento por suicídio. Destaca-se a necessidade de embasar cientificamente o luto para subsidiar futuras práticas adequadas para profissionais que se depararem com enlutados por suicídio. O presente estudo, ainda que de modo incipiente e de modo exploratório, tem a pretensão de avançar na discussão psicossocial do familiar enlutado por suicídio.

2 MÉTODO

Para a realização dessa pesquisa exploratório-descritivo, de delineamento qualitativo, utilizou-se para a coleta de dados uma entrevista semiestruturada, buscando responder aos objetivos

do estudo. Os participantes foram convidados a, individualmente, responder ao estudo pelos pesquisadores, totalizando quatro pessoas de núcleos familiares diferentes. A amostra foi intencional e não probabilística. As entrevistas foram agendadas através da rede de contatos dos autores, na entrevista foram abordados os temas referente a relação do suicida com a família, da família com o suicida, comportamentos e sentimentos após a perda e expectativas para os próximos anos.

Para a análise dos dados foi utilizada a metodologia qualitativa da análise de conteúdo, segundo o modelo sugerido por Olabuénaga (1999). Nessa perspectiva compreende-se que o texto (a transcrição das entrevistas registradas em gravador digital de voz) sempre implicará em um contexto, ou seja, em um conjunto de sentidos e significados, subjacentes às concepções explicitadas pelos participantes em relação ao tema do suicídio.

A realização da pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), seguindo todos os preceitos da resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que versa sobre estudos com seres humanos, garantindo o respeito e autonomia dos participantes, a justiça e equidade (Brasil, 2012). Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este estudo foi realizado em 2023, sendo que os participantes tinham a idade de 20, 26, 27 e 37 anos, sendo um do sexo masculino e três do sexo feminino. Em relação à escolaridade, 01 (uma) apresentava pós-graduação, 02 (duas) ensino médio completo e 01 (um) superior incompleto. Estado civil: 01 (uma) viúva (com filhos) e 03 (três) solteiros. Quanto à ocupação, 02 (duas) trabalhavam no comércio, 01 (uma) era comerciante na área de utensílios domésticos, e 01 (um) era estudante. A partir do instrumento e procedimentos de coleta de dados utilizados para este estudo e da análise de conteúdo, foram construídas 02 (duas) categorias de análise, sendo uma quanto ao suicida e outra quanto à família, que se propõem a descrever as características individuais e os aspectos relacionais do tema suicídio, respectivamente.

3.1 Quanto ao suicida

Esta categoria apresenta as questões específicas do suicida, a partir da perspectiva do familiar participante do estudo, considerando as seguintes subcategorias: Parentesco com o suicida; Relacionamento do suicida com a família e Percepção do familiar em relação ao suicida. Compreende-se que o suicídio é uma batalha para todos os envolvidos (Oliveira e Faria, 2020). Conforme Fukumitsu e Kovács (2016), após a morte os indivíduos afetados sentem-se perdidos e desolados e entregam-se a questionamentos sobre suas vidas após o ocorrido.

3.1.1 Parentesco com suicida

Todos os participantes do estudo eram familiares próximos de pessoas que cometeram suicídio, mas eram de núcleos familiares distintos. Apenas E1 era da família nuclear, uma vez que o familiar falecido era seu esposo, enquanto os demais participantes pertenciam à família extensa, sendo sobrinhos de suicidas. Essa diferença de relação genealógica irá se apresentar de diferentes formas nas próximas subcategorias, considerando a relação e as compreensões acerca do suicídio.

A relação direta com o ente falecido será determinante no processo de enfrentamento da perda, conforme descrito por Cândido (2011), que descreve que as vivências dos enlutados são únicas, estando associadas componentes emocionais como desespero, raiva, culpa e acusações entre os membros da família. Bowlby (1982) ressalta que o impacto psicopatológico que a perda por suicídio provoca pode representar um legado ‘funesto’, podendo atingir além dos sobreviventes imediatos os seus descendentes.

3.1.2 Relacionamento do suicida com a família

A proximidade afetiva com o ente falecido foi comum à todos os participantes, que descreveram a existência de uma relação de cordialidade, em alguns momentos bem próxima, como pontuado por E3: *“A gente tinha uma relação muito próxima, inclusive tem filhos da minha idade do qual a gente é muito próxima até hoje (E3)”*.

As interações sociais e rituais compartilhados confirmaram a participação do membro na vida cotidiana *“uma pessoa muito próxima da família, inclusive a gente sempre almoçava aos domingos juntos (E3)”*.

A atribuição do suicídio à falta de rede social de suporte aparece nas entrevistas, com os participantes destacando que passou-se a existir uma distância do suicida com o restante dos familiares *“depois da perda a gente ficou mais quieto, antes todo mundo se reunia (E2)”*. E1, com quem o suicida possuía uma relação mais próxima, relata que a relação não era próxima devido à distância física com os outros membros, sendo que isso acabou sendo um fator de limitação na ajuda ao familiar. E2 trouxe a questão do abuso de bebida alcoólica como um potencial de agravo na situação emocional de seu familiar: *“Com os outros parentes era um pouco distante... era uma pessoa que tinha problemas com álcool, por isso ele era um pouco distante às vezes da família (E2)”*.

O entrevistado E4 demonstrou um distanciamento maior do familiar, porém, ressalta a relação de proximidade de seus pais e tios: *“... a nossa relação até que era um pouco pequena assim sabe, a gente se via, mas em reuniões da família... Eu não tinha tanta proximidade com ele... mas nos meus pais e nos meus tios dá para perceber que teve uma diferença grande (E4)”*.

Além disso, demonstrava uma relação de participação voluntária e ativa na família, como mencionado: *“Ele sempre procurava, independentemente de onde fosse a reunião entre a família,*

ele ia a pé, ia de bicicleta, andava quilômetros às vezes para se reunir com a gente (E4)''.

Apesar do distanciamento já mencionado pelo entrevistado E2 ainda nota-se uma participação ativa do membro na família: *"Ele me ajudava com tudo, levava minha filha na aula e cuidava dela para mim quando eu estava trabalhando (E2)''.*

As entrevistas revelam uma relação de proximidade e cordialidade entre o ente falecido e os membros da família. A participação ativa nas interações sociais e rituais compartilhados destaca a presença na vida cotidiana da família. No entanto, também foram mencionados fatores que contribuíram para uma certa distância emocional, como a falta de suporte emocional e o abuso de álcool.

3.1.3 Percepção do familiar em relação ao suicida

Diferentes questões influenciaram na forma como a família enxergava o suicida, o que denota alguns de seus comportamentos e forma de se relacionar nos momentos finais de sua vida. *"Nos últimos anos ele já começou a se afastar mais da família (E1)."*

Esse afastamento gradual sugere indicativos de alterações emocionais, evidenciados pelo isolamento progressivo como estratégia para lidar com suas dificuldades, o que, ao encontro do que afirma Batista e Santos (2014), o isolamento é um fator de risco, pois aumenta a probabilidade de suicídio, dada a presença de sentimentos como a solidão, a angústia e a depressão. *"Devido à depressão, o último ano foi um pouco mais conturbado, até mesmo para mim compreender melhor o que era depressão (E1)."*

Essa declaração revela que a família percebeu que o suicida estava lidando com a depressão e que esse período foi particularmente tumultuado. Barbosa, Macedo, Mosca, & Silveira (2011) declaram que a falta de conhecimento e esclarecimento acerca dos riscos associados aos comportamentos autodestrutivos por parte dos familiares e dos profissionais de saúde cria uma significativa disparidade entre as necessidades daqueles que sofrem de ideação suicida e as ações tomadas pelas pessoas ao seu redor. Em outras palavras, a falta de compreensão dos familiares sobre a depressão dificultou a compreensão da experiência do suicida, como destacado pelos participantes deste estudo, assim como a fala dos participantes (E1), (E2), (E3) abaixo:

"Ele nunca foi próximo da família dele, mas ele começou a se desimportar mais com a família. Ele preferia ficar mais em casa, quando tinha algum evento eu ia com as minhas filhas, ele evitava bastante estar presente (E1)." Nesta fala nota-se que o distanciamento foi gradual, mas perceptível. *"Era uma pessoa um pouco difícil de lidar (E2)."* neste contexto o familiar traz significado para uma possível falta de suporte familiar *"A minha tia era uma pessoa com personalidade muito forte.(E3)" e o participante evidencia a dificuldade com a suicida.*

Apesar da fala dos participantes sobre a boa relação com suicida, essas declarações mostram

que a relação com a família era de distanciamento, com os familiares percebendo os suicidas como pessoas difíceis de lidar, indicando possíveis desafios no relacionamento interpessoal. Teng e Pampanelli (2015) entendem que os relacionamentos interpessoais saudáveis e os laços afetivos positivos desempenham um papel fundamental na proteção de pessoas com ideação suicida, ao passo que relacionamentos conflituosos, violentos e um histórico familiar relacionado ao suicídio aumentam significativamente o risco. *"Ela tinha um pouco de autodefesa, e isso acabava prejudicando um pouco o relacionamento com outras pessoas (E3)."*

Essa observação da fala do participante (E3) sugere que a tia possuía uma postura defensiva, o que impactava suas interações com os demais. No entanto, é importante considerar que essas perspectivas são limitadas e podem não capturar a totalidade da experiência do suicida. Bem como discutido por Corsi (2015) cada indivíduo é único e complexo. O indivíduo enfrenta desafios únicos, exigindo empatia e compreensão ao abordar temas sensíveis, como o suicídio.

A perda de um membro da família por suicídio é uma situação dolorosa e complexa (Rocha & Lima, 2019). Quando o suicida expressa arrependimento antes do ato, isso pode gerar uma mistura de emoções e pensamentos na família, incluindo esperança, tristeza e confusão conforme declaração *"ele se arrependeu (E4)"* cita o participante ao informar que o tio após a tentativa de suicídio ainda passou alguns dias no hospital antes de sucumbir. Ao saber que o membro da família se arrependeu de cometer suicídio, os familiares podem experimentar um sentimento de alívio misturado com profunda tristeza. Por um lado, o fato de a pessoa ter expressado arrependimento pode dar aos familiares uma pequena sensação de consolo, sugerindo que o suicídio não foi uma escolha definitiva e premeditada.

3.2 Quanto a família

Essa categoria remete a compreensões dos participantes quanto ao contexto social familiar após a perda, dividida nas subcategorias: Relacionamento sociofamiliar após o suicídio, Comunicação sociofamiliar acerca do suicídio e seu enfrentamento e Relação da família com a rede social. O suicídio continua sendo um tema tabu na sociedade, de acordo com Silva (2013), o preconceito e o estigma relacionados ao suicídio surgem da vivência de luto dos familiares. As famílias então percebem que a melhor opção é se isolar e evitar discutir seus sentimentos e a morte de seu ente querido, resultando na não partilha de suas emoções e dores e na evitação do contato social.

Segundo Silva (2013), às pessoas que fazem parte da rede social da pessoa enlutada também se sentem desconfortáveis em relação a essa forma de morte. Elas não sabem como reagir ou se devem abordar o assunto, devido à necessidade de lidar com várias crenças preconceituosas.

3.2.1 Relacionamento sociofamiliar após o suicídio

Segundo Parkes (2009), o processo de luto é uma transição social de grande importância, pois afeta várias áreas da vida humana, como a emocional, cognitiva, física, religiosa, familiar, social e cultural. O luto decorrente de um suicídio causa impactos tão intensos que é considerado um dos principais indicadores de risco futuro de suicídio.

Nenhum processo de luto é idêntico ao outro e comportamentos sociais, assim como compreensão acerca do acontecido podem divergir entre si, conforme mencionado por Moura (2006) que nenhum processo de luto é idêntico ao outro e comportamentos sociais, assim como o entendimento acerca do acontecido podem divergir entre si". A família nuclear passou a utilizar da sua própria rede social o suporte fortalecendo o laço entre os membros da família "*Com a minha família a gente se fortaleceu ainda mais, a gente ficou mais próximo (E1)*" encontrando entre os próprios membros o enfrentamento para a situação. A família extensa por sua vez evidencia o distanciamento após a perda "*com a família dele não tenho mais contato (E1)*". Os indivíduos que sobrevivem ao suicídio de um familiar enfrentam uma ampla gama de emoções com diferentes intensidades, incluindo negação, depressão, isolamento, dificuldade em aceitar a ausência do ente querido, problemas de ajuste, dificuldade em estabelecer novos relacionamentos, sensações de desespero, queda na produtividade, desenvolvimento de transtornos mentais, aumento do uso de drogas ou álcool, e desinteresse em relação à própria vida (Tavares, 2013), após um suicídio na família, é comum que os membros enfrentem uma série de desafios emocionais, psicológicos e sociais.

A perda repentina e traumática de um ente por suicídio pode levar ao isolamento familiar de várias maneiras, como expresso por uma das pessoas entrevistadas: "*Deu uma afastada (E2)*". Conforme afirmado por Kovács (1992), o suicídio é uma das mortes mais difíceis de elaborar devido à forte culpa que desperta, ativando a sensação de abandono e impotência em quem fica. Além disso, os enlutados frequentemente se tornam alvo de suspeita da sociedade como sendo responsáveis pela morte do outro.

Os efeitos dessa perda são observados nas interações sociais da família enlutada, como exemplificado pela citação: "*Tipo Natal, Ano Novo, ninguém mais se reuniu (E2)*" e "*Aniversário aqui em casa não teve mais, Natal e Ano Novo não teve mais com a família (E2)*". Os membros da família podem sentir vergonha e culpa pela morte do ente querido, o que leva a evitar interações sociais, como afirmado por outra pessoa entrevistada: "*Depois da perda, a gente ficou mais quieto assim, antes todo mundo se reunia (E2)*".

Conforme mencionado por Silva (2013), o estigma e o preconceito associados ao suicídio têm um impacto significativo na experiência de luto dos familiares sobreviventes. Esses familiares muitas vezes se sentem envergonhados e optam por se isolar, evitando discutir abertamente seus sentimentos

ou a morte do ente querido. É comum ocorrer a descontinuidade ou diminuição de rituais antes praticados, como descrito *"A gente sempre se reunia aos domingos, em festas, Páscoa e Natal. E isso realmente abalou um pouco, então hoje não tem mais essa frequência (E3)"*.

O estigma social associado ao suicídio cria um ambiente em que os familiares podem se sentir julgados e mal compreendidos, aumentando a sensação de vergonha e a tendência ao isolamento, como já mencionado por Silva (2013). Isso é evidenciado na seguinte citação: *"Só os encontros da família tipo churrasco, festas, essas coisas assim, hoje em dia é basicamente zero, mais de 50 a 60% da família falta (E4)"*. Devido a esse estigma, a família enfrenta não apenas a perda do familiar, mas também um período de constrangimento e vergonha relacionados ao ocorrido. Conforme Figueiredo, Silva, Mangás et al. (2012), esse constrangimento é alimentado por atitudes externas, como vizinhos alterados e amigos reagindo de forma inesperada, buscando informações sobre o ocorrido ou espalhando boatos falsos. Esses tipos de relacionamentos e conflitos familiares interferem nas relações interpessoais dos familiares durante o processo de luto. Esses conflitos podem refletir diretamente na convivência dos membros, como expresso por uma das pessoas entrevistadas: *"É confesso que a gente tinha uma aproximação maior (E3)"*. Nesse contexto, o suicídio se torna um segredo de família, como mencionado por outra pessoa: *"Mas atualmente a gente não perdeu totalmente o contato, porém a gente não conversa sobre o assunto (E3)"*.

O suicídio de um ente querido pode causar um importante abalo emocional e interferir nas rotinas e tradições familiares estabelecidas. Após a perda de alguém por suicídio, é comum que as pessoas mais próximas experimentem sentimentos de vazio e desestruturação, afetando a dinâmica familiar. (Scopel & Conte, 2022). Podemos identificar este aspecto como expresso na frase *"tem coisas ainda que não me sinto confortável em fazer como o café da tarde que a gente sempre fazia, todas as sextas a gente tinha um momento da família, a gente não tem mais esse momento. Então são coisas que a gente não faz mais porque falta alguma coisa (E1)"*, fica evidente o impacto emocional e prático que a perda representa para a família enlutada. Ainda conforme Scopel & Conte a morte por suicídio pode abalar profundamente a estrutura familiar, resultando na ausência de atividades e momentos compartilhados que antes eram apreciados. Rotinas significativas, como o café da tarde em família, que costumavam ser momentos de conexão e união, tornam-se dolorosas quando um membro da família está ausente.

A perda de um ente querido por suicídio cria um vazio que é difícil de preencher. A ausência dessa pessoa é sentida de maneira intensa em momentos que costumavam ser especiais, e essas atividades podem evocar memórias dolorosas e sentimentos de tristeza e saudade *"Tem bastante coisas que a gente fazia antes que a gente não faz hoje(E1)"*

Além disso, a perda por suicídio também pode gerar uma sensação de desconforto, pois os familiares podem se questionar sobre o que poderiam ter feito de diferente para prevenir essa tragédia

(Okajima, & Kovács, 2016). Kreuz e Antoniassi (2020) afirmam que quando uma pessoa decide tirar a própria vida, desencadeia-se uma série de situações angustiantes para os membros da família, resultando em desconforto e diversos tipos de adversidades. Esses familiares buscam compreender os motivos que levaram a pessoa a cometer tal ato. Esses sentimentos de culpa e angústia podem tornar ainda mais difícil para os sobreviventes continuar com as atividades rotineiras que antes eram compartilhadas com o ente querido.

É importante reconhecer que cada pessoa vivencia o luto de forma única e que é normal sentir dificuldade em retomar certas atividades após a perda por suicídio, conforme mencionado *“no começo eu me isolei de tudo e de todos (E1)”*. Franco (2010) destaca que o luto não se resume apenas a uma experiência desafiadora para os sobreviventes, mas é um momento de crise em que ocorre um desequilíbrio entre a quantidade de ajustes necessários de uma só vez e os recursos disponíveis para lidar com essa situação. O processo de cura é gradual e requer tempo, paciência e apoio emocional para que o retorno à vida cotidiana ocorra de forma menos dolorosa conforme relato *“agora que eu voltei ao meu meio social para o convívio, assim como para as minhas atividades físicas, voltei a sair com as minhas amigas (E2)”*.

Encontrar maneiras de honrar a memória do ente, adaptar às tradições familiares ou criar novas formas de conexão podem ser caminhos para lidar com o abalo emocional e as mudanças na vida cotidiana da família e as expectativas quanto ao futuro após a perda, conforme mencionado ao questionamento sobre futuro do entrevistado *“estudo crescimento profissional e fazer diferença (E4)”* diferença que pode ser exemplificada no comentário *“Talvez para ajudar principalmente a minha família (E4)”* e através da perda uma procura por maior compreensão a respeito de pessoas em sofrimento *“e a gente souber sobre os espaços que eles precisam sobre as aberturas que eles precisam, eu acho que essa é a minha grande expectativa para o futuro (E1)”*, para evitar que o sofrimento da perda se repita *“eu espero nunca mais presenciar esse tipo de sofrimento em alguém próximo (E3)”*

O luto parental pela morte de um familiar que cometeu suicídio apresenta desafios significativos no processo de aceitação e vivência. Após a perda do ente querido, a família é confrontada com questionamentos profundos sobre a vida e o sentido de existir. No entanto, é crucial que os familiares não se entreguem completamente ao sofrimento e procurem recontextualizar o significado dessa perda, buscando uma nova perspectiva mesmo diante da inevitável dor (Lima Neto, 2012).

3.2.2 Comunicação sociofamiliar acerca do suicídio e seu enfrentamento

A comunicação sociofamiliar acerca do suicídio e seu enfrentamento apareceram nas declarações dos entrevistados, que ilustram algumas percepções e experiências relacionadas a essa

temática. *"É até um assunto bem falado... assim até porque da forma como foi... da gente não aceitar o que aconteceu.(E1)".*

E1 aponta em sua assertiva a dificuldade em lidar com o suicídio e a resistência em aceitar a perda. O impacto do evento é tão intenso que a família tem dificuldade em compreender e aceitar o que ocorreu. De acordo com Fukumitsu e Kovács (2016), o suicídio não representa apenas o ato de tirar a própria vida, mas também causa sofrimento para aqueles que ficam e vivenciam o impacto. Fukumitsu e Kovács (2016), afirmam que a morte por suicídio é violenta e repentina, exigindo uma grande quantidade de energia psíquica por parte da pessoa sobrevivente durante o processo de elaboração do luto. *"A depressão dentro da nossa família é bem falada.(E1)". "Eu também era depressiva e tinha já o diagnóstico, tratava, mas no começo para ele aceitar a depressão também foi meio conturbada também(E1)."*

A depressão associada ao suicídio foi comum nas respostas dos participantes, que apontam que tal diagnóstico é um assunto conhecido e discutido na família.

"Me atentei a alguns amigos e amigas que estão com uma depressão, que estão pedindo socorro e ninguém está enxergando (E2)." ressalta a percepção de que existem pessoas próximas que estão enfrentando a depressão, mas suas necessidades e pedidos de ajuda não estão sendo reconhecidos pela família e pelo ambiente social. Isso destaca a importância de estar atento aos sinais de sofrimento emocional e oferecer apoio.

"Tem muita gente que a gente nem imagina que tá passando por algum momento difícil.(E2) enfatiza que muitas pessoas podem estar enfrentando dificuldades emocionais sem que isso seja aparente. Isso ressalta a importância de cultivar empatia e consideração ao interagir com os outros, pois nunca sabemos o que estão passando. *"É como se não tivesse acontecido" " Sempre fica aquele elefante no meio da sala que poucas pessoas tentam comentar, falar sobre sabe, tipo, algo bem complicado(E4)"* descreve a sensação de que o suicídio muitas vezes é um assunto evitado e silenciado. Pode haver uma relutância em discuti-lo abertamente, o que pode resultar em um sentimento de desconforto e tabu.

Shneidman (1972 em Santos et. al, 2015) criou o termo "Pósvenção", que descreve um serviço destinado aos indivíduos que perderam alguém por suicídio, recuperação psicológica pós-acontecimento, ao incluir também a prevenção de possíveis comportamentos autodestrutivos àqueles que ficaram em vida em um estado de vulnerabilidade e condições de risco.

E1 apontou ainda que fazia psicoterapia, o que reforça sobre a importância do acompanhamento terapêutico no enfrentamento da depressão. Conforme Boró (1997) a terapia é uma ferramenta estratégica para ajudar a lidar com os desafios emocionais e encontrar estratégias para a recuperação. Segundo Miranda (2014), familiares e amigos necessitam de um acompanhamento profissional para auxiliar o enfrentamento de possíveis problemas psicológicos agravantes e para

que não seja instalada a responsabilização do ato suicida. A vivência da perda no sistema familiar mobiliza interações mutuamente reforçadas nas quais todos participam. McGoldrick (1998) fala que os processos colocados em ação para o enfrentamento dessa crise têm impactos imediatos, estendendo em longo prazo na vida da família por gerações.

A temática do suicídio aparece como um tabu, sendo evitada nas discussões em família, como relatado por E2: *"Assim não toca muito no assunto, esfriou bastante assim(E2)."* a afirmação sugere uma relutância em discutir abertamente o suicídio na família.

Silva (2013) discorre sobre um silêncio em torno do assunto, o suicídio muitas vezes motivado por medo do desconforto que despertado ou por não saber como abordá-lo de forma adequada, concluindo ainda que o estigma e o preconceito em relação ao suicídio também interferem na vivência do luto, pelos familiares, de modo eles evitem o assunto, que o silêncio ou isolamento, vergonha e acabam optando a não falar sobre o assunto, evitando comentar de si, do que estão passando ou falar da morte do ente querido.

O participante ainda relatou: *"Quando algumas sabem, elas ficam meio assim, mas querem mudar o assunto porque acham que é indelicado assim, não tocam muito no assunto (E2)."*

Muitas pessoas se mostram desconfortáveis e evitam o assunto ao saberem sobre o suicídio na família, acreditando que é delicado demais para ser abordado. E3 e E4 disseram ainda: *"As pessoas sentem um pouco de pena, de frustração talvez, porque é uma situação meio complicada (E3)."* *"Quando a gente fala, assim, que a gente teve um caso desse da família, as pessoas acham que tipo, a família é meio desleixada, uma família meio doida (E4)."*

Além da pena, pode haver sentimentos de frustração pela complexidade da situação e a dificuldade em encontrar respostas e soluções. Botega (2015) destaca que amigos e familiares da pessoa que cometeu suicídio transitam entre sentimentos e reações ambivalentes, como preocupação, desconforto, medo, raiva, acusação, frustração, banalização, esperança, culpa, disponibilidade, superproteção, cansaço, irritação e hostilidade. A fala de E4 ainda insere no contexto um estereótipo negativo que algumas pessoas podem associar à família afetada pelo suicídio, com julgamentos e suposições, muitas vezes equivocadas, sobre a família, sem compreender plenamente complexidade da situação.

Outras reações envolvem sentimento de pena ou curiosidade e desejo de obter informações, como pontuado por E4: *"Alguns ficam com pena, assim, outros, tem muita curiosidade e querer saber, outros ficam, tipo, com pena de mim, pelo fato disso ter acontecido! (E4)."*

A comunicação sociofamiliar acerca do suicídio é um processo complexo, permeado por emoções diversas. É essencial cultivar a compreensão, o respeito e a empatia ao abordar esse assunto, permitindo um espaço para que cada indivíduo possa expressar suas experiências e sentimentos sem julgamentos. O apoio profissional, como a terapia, pode desempenhar um papel importante no auxílio

às famílias e na promoção de um diálogo saudável e construtivo. Fukumitsu e Kovács (2016) também ressaltam a importância dos psicólogos e outros profissionais de saúde em promover reflexões sobre os recursos e estratégias de reconciliação, tanto entre os familiares como entre eles e o falecido, além das estratégias de enfrentamento utilizadas para lidar com o sofrimento durante o luto por suicídio. Essa abordagem visa proporcionar um acolhimento adequado nesse processo difícil.

3.2.3 Relação da família com a rede social

Conforme Worden (2018) amigos e familiares desempenham um importante papel na vida das pessoas no processo de luto e na reconstrução da vida após a perda. O apoio de pessoas próximas pode ser uma âncora vital para lidar com a dor, o luto e a reconstrução da vida. E1 vai nessa direção: *"No momento difícil da perda, sim, as famílias e os amigos foram cruciais (E1)"*.

Neimeyer (2012) afirma para a relevância do apoio social na experiência de luto e como amigos e familiares desempenham um papel significativo no processo de adaptação após a perda. O apoio emocional oferecido por eles é uma forma relevante de suporte. Essas relações próximas permitem que os enlutados expressem suas emoções, desde o choque e a raiva até a tristeza e a confusão. O suporte social desempenha um papel importante na vida dos enlutados após o suicídio, sendo que estar cercado por pessoas que se importam e compreendem a dor que estão passando ajuda a reduzir o sentimento de isolamento e solidão. Worden (2018) enfatiza a importância de reconhecer que cada pessoa enlutada tem necessidades individuais de suporte. Algumas pessoas podem preferir uma rede de apoio ampla, enquanto outras podem sentir-se mais confortáveis com um círculo íntimo de amigos e familiares *"outras pessoas não muito (E2)"*.

Após a perda trágica de um ente querido por suicídio, muitas pessoas experimentam uma profunda transformação em suas vidas. Harrington-LaMorie et al. (2018) destacam a relevância do apoio social na adaptação e no enfrentamento desse processo. Os autores afirmam que a perda por suicídio pode ser particularmente difícil de lidar devido à complexidade e estigma associados ao tema. Além do impacto emocional e psicológico, essa experiência dolorosa também pode levar à adoção de uma postura mais cuidadosa e sensível em relação ao tema do suicídio em suas relações sociais, exemplificado pelo relato de E2: *"...eu me afastei de algumas pessoas que não dão valor à vida, que não tentam melhorar (E2)"*.

Uma das razões pelas quais essas pessoas se tornam mais cuidadosas em suas relações sociais é a conscientização do impacto que suas palavras e ações podem ter em outras pessoas, como mencionado por E3, que disse querer *"...um ombro amigo para todas as pessoas que estão do meu lado para que talvez isso não corra mais"*. Compreendem que, mesmo sem a intenção de causar danos, comentários insensíveis ou ignorância sobre o assunto acabam por gerar dor adicional e

perpetuar estigmas negativos em relação ao suicídio. *“Antes, eu tolerava brincadeira do “eu vou te matar, eu vou me matar”! (E2). “Hoje, eu não tolero essa brincadeira (E2)”.*

A sensibilidade ao suicídio nas relações sociais também se manifestar por meio de uma maior disposição para ouvir e oferecer suporte emocional *“eu tento ser mais amigável possível com todo mundo (E3)”* e *“ser mais aberta com as pessoas e tentar que as pessoas sejam mais abertas comigo (E3)”* também mudando a percepção enquanto rede social *“Hoje o meu relacionamento é um pouco mais observativo, então quando estou no local eu tento observar mais sinais de pessoas que talvez estejam mais recuada para tentar entender se eu posso ou não ajudar a pessoa (E3)”.*

A religião desempenha um papel significativo como fonte de suporte para muitas pessoas após a perda de um ente querido por suicídio. Conforme relatado por um participante da pesquisa *“Antes do acontecimento a gente estava um pouquinho afastado da religião (E1)”* e *“...depois devido ao ocorrido a gente eu busquei reacender aquilo que já estava dentro de mim e foi crucial para esse momento (E1)”.*

Marchi (2005) afirma que a fé religiosa proporciona uma relação do sujeito com a finitude humana e a impotência diante da morte. Nesse sentido, a religião oferece um arcabouço de crenças e valores que ajudam a enfrentar a complexidade e o sofrimento gerados pela perda por suicídio *“depois a gente consegue entender e os objetivos de Deus foi confortável (E3)”*, para aqueles que possuem crenças religiosas, a religião pode oferecer conforto, esperança e um senso de significado em meio à tragédia *“hoje eu sou líder do grupo de jovens (E1)”*. Um dos participantes da pesquisa menciona *“Foi essencial! No começo, foi um pouco confuso porque a gente não entende porque acontece esse tipo de situação (E3)”* Este depoimento reflete como a religião pode fornecer um sistema de significado e respostas para questões existenciais que surgem em momentos de dor e sofrimento, além disso, a religião também oferece um senso de comunidade e apoio social e descrito por outro participante como uma ferramenta de conforto *“atualmente a gente pegou mais forte para gente sentir o conforto (E3)”* e novamente mencionado *“para confortar esse vazio (E3)”*. Muitas vezes, os enlutados encontram conforto ao compartilhar sua dor e experiências com outras pessoas que compartilham das mesmas crenças e valores religiosos. Esse senso de comunidade pode proporcionar um espaço seguro para expressar emoções, buscar consolo e receber suporte emocional *“a minha grande expectativa para que para que eu possa levar de alguma forma direcionada por Deus para falar mais sobre a depressão sobre o suicídio (E1)”.*

Nesse contexto, muitos indivíduos buscam auxílio religioso, pois a religião lhes confere competências para buscar significado em vivências que não possuem uma explicação na realidade, como afirma Quintana (1999), bem como declarado *“Eu acho que é um acalento, uma forma de prosseguir porque a dor é imensurável, então quando a gente se apegar a algo que a gente crê (E1)”*. A concepção de um ser superior presente na religião permite aos indivíduos acreditar que esse ser

controla e direciona certos trajetos de suas vidas, como observado na declaração de Fornazari e Ferreira (2010). Como resultado, muitos indivíduos associam a perda como parte de um plano divino “*Deus conduziu a minha história, eu comecei a enxergar um outro lado da vida, uma vida mais grata principalmente pelo fôlego de vida assim e as pessoas hoje são cruciais para que isso aconteça assim (E1)*”.

O fornecimento da crença na vida após a morte, proposto por algumas religiões, serve como alicerce para a busca de significado diante da perda, conforme apontado por Farinasso e Labate (2012), “*acredito que ele está no céu (E2)*”. Indivíduos religiosos, de acordo com Farinasso e Labate (2012), tendem a ter uma maior aceitação em relação ao acontecimento devido às suas crenças de que um ser superior está olhando por eles, sendo afirmado “*A minha família sempre foi muito católica então a gente já tinha um relacionamento com Deus (E3)*”. A religião, no contexto do luto por suicídio, proporciona uma explicação além dos significados mundanos em relação às perdas prematuras, como observado por Morelli et al. (2014), trazendo conexões “*pessoas assim da família que era um pouco assim, incrédula e era afastado da igreja ou não acreditava em nada, a partir do momento que ele morreu que venho a falecer, eles tiveram mais conexão assim sabe, procurar mais. Até minha tia, assim, que é espírita, ela procura se comunicar com ele e tudo (E4)*”.

Quintana (1999) constata que o processo religioso pode minimizar a dor e a sensação de impotência diante da morte. A religião oferece uma rede simbólica que auxilia os enlutados a encontrar consolo e significado em sua experiência de luto. Através de rituais, símbolos e comunidade religiosa, os indivíduos encontram suporte emocional e espiritual para enfrentar o processo de luto “*acredito que é muito importante para que dê um consolo assim, um conforto para as pessoas, uma esperança, uma saudade assim que tu vai encontrar a pessoa, aonde que ela está bem, que ela não deixou de existir sabe, para mim é um consolo, um conforto (E2)*”. Em resumo, a religião desempenha um papel significativo como fonte de suporte após a perda de um ente querido por suicídio. Ela oferece uma relação com a finitude humana e a impotência diante da morte, proporcionando conforto, esperança e sentido em meio à tragédia. A religião também fornece uma comunidade de apoio e um sistema de significado que ajuda os enlutados a enfrentarem a dor e a buscar respostas em momentos de confusão e sofrimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo objetivou compreender os aspectos psicossociais de famílias que tiveram membros que cometeram suicídio através de uma pesquisa exploratória qualitativa. Ao longo dessa pesquisa, buscou-se explorar as diferentes dimensões envolvidas nesse contexto complexo, a fim de obter uma melhor compreensão dos desafios e impactos enfrentados por essas famílias.

Os resultados obtidos demonstraram que a rede social familiar significativa tende a diminuir após a perda de um membro por suicídio. Esse afastamento é atribuído à dificuldade em lidar com a dor e o luto, bem como ao estigma social associado ao suicídio. A falta de compreensão e suporte adequado por parte da rede social pode contribuir para o isolamento e a solidão vivenciados pelos familiares. Além disso, se observou que a religião desempenha um papel significativo como fonte de suporte para essas famílias. Muitos familiares recorrem à fé e à religiosidade como uma forma de encontrar conforto e esperança diante da perda trágica. A religião proporciona um espaço de acolhimento, onde é possível compartilhar experiências e encontrar apoio emocional. Outro aspecto relevante identificado foi a maior sensibilidade dos membros da família em relação a questões de sofrimento psíquico. A experiência traumática do suicídio de um ente está associada a uma maior sensibilização para os problemas de saúde mental e a importância de cuidar do bem-estar emocional. No entanto, também constatou-se que a família extensa tende a se afastar após o ocorrido, ao contrário da família nuclear que apresenta-se como suporte e apoio após o ocorrido. O suicídio ainda é um assunto tabu em muitas sociedades, e os familiares enfrentam o silêncio e o desconforto ao tentar discutir a perda com outros parentes. Esse afastamento gera uma lacuna de suporte social adicional, aumentando ainda mais a carga emocional sobre a família nuclear.

Os resultados do estudo apontam para a importância de abordar adequadamente essa questão delicada, do suicídio, oferecendo suporte emocional e promovendo a conscientização sobre a saúde mental. Identificou-se uma limitação de estudos na temática do ponto de vista familiar a respeito do suicida, com material teórico insuficiente e uma carência de estudos específicos nessa área. Entre essas lacunas destacam-se a necessidade de mais investigações que abordem o tema de maneira profunda e abrangente, tanto do ponto de vista psicossocial quanto da teoria psicopatológica. Além disso, a incorporação de abordagens qualitativas pode contribuir para uma compreensão mais rica e contextualizada dos fenômenos relacionados ao suicídio e suas consequências nas famílias.

Enfatiza-se ainda a importância de estudos que investiguem mais a fundo os aspectos psicossociais das famílias afetadas pelo suicídio, levando em consideração não apenas as consequências imediatas, mas também os desdobramentos a longo prazo. Por fim, espera-se que este trabalho contribua para aumentar a conscientização sobre a importância de fornecer suporte adequado às famílias que enfrentam essa realidade. Acredita-se que a compreensão aprofundada dos aspectos psicossociais envolvidos nesse contexto pode auxiliar na implementação de políticas e práticas mais eficazes de prevenção e intervenção, visando a promoção da saúde mental e o bem-estar dessas famílias.

REFERÊNCIAS

- Bowlby, J. (1982) *Attachment and loss, vol. 3: Loss, sadness and depression*. New York: Basic Books.
- Cândido, A. M. (2011). *O enlutamento por suicídio: elementos de compreensão na clínica da perda*. Dissertação de mestrado não-publicada, Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília. Brasília, Brasil.
- Farinasso, A. L. da C., & Labate, R. C. (2012). Luto, religiosidade e espiritualidade: um estudo clínico-qualitativo com viúvas idosas. *Revista Eletrônica De Enfermagem*, 14(3), 588–95. <https://doi.org/10.5216/ree.v14i3.14453>.
- Figueiredo, A. E. B., Silva, R. M. da, Mangas, R. M. do N., Vieira, L. J. E. de S., Furtado, H. M. J., Gutierrez, D. M. D., & Sousa, G. S. de. (2012). Impacto do suicídio da pessoa idosa em suas famílias. *Repositório Observatório do cuidado*, 17(8), 1993-2002.
- Fornazari, S. A., & El Rafihi Ferreira, R. (2010). Religiosidade/Espiritualidade em Pacientes Oncológicos: Qualidade de Vida e Saúde. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 26(2), 265–272. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/17798>.
- Franco, M. H. P. (2010). *Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade*. São Paulo: Summus Editorial.
- Franco, M. H. P. (2011). Luto: a morte do outro em si. In: Franco, M. H. P. et al. *Vida e morte: laços da existência* (2ª ed.), 99-119. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fukumitsu, K. O., & Kovács, M. J. (2016). Especificidades sobre processo de luto frente ao suicídio. *Psico*, 47(1), 3–12. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2016.1.19651>.
- Harrington-LaMorie, J., Jordan, J. R., Ruocco, K., & Cerel, J. (2018). Surviving families of military suicide loss: Exploring postvention peer support. *Death studies*, 42(3), 143–154. <https://doi.org/10.1080/07481187.2017.1370789>.
- Kreuz, G., & Antoniassi, R. P. N. (2020). Grupo de apoio para sobreviventes do suicídio. *Psicol. Estud. (Online)*, e42427–e42427. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1135770>.
- Kovács, M. J. (1992). Morte, separação, perdas e o processo de luto. In Kovács, M. J. (Ed.), *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lima Neto, V. B. (2012). Morte e sentido da vida: Tanatologia e Logoterapia, um diálogo ontológico. *Revista Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial*, 1(1), 38-49.
- Martín-Baró, I. (1997). O papel do Psicólogo. *Estudos De Psicologia (natal)*, 2(1), 7–27.

- Moura, C. M. (2006). *Uma avaliação da vivência do luto conforme modo de morte*. Dissertação de mestrado não-publicada, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília. Brasília, Brasil.
- Marchi, E. (2005). O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades. *História: Questões & Debates*, 33(43), 33-53.
- Morelli, A. B., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. dos. (2014). Elementos para uma Intervenção em Aconselhamento Psicológico com Pais Enlutados. *Psico*, 45(4), 434–444. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2014.4.14640>.
- Neimeyer, R. A. (2012). *Techniques of grief therapy: Creative practices for counseling the bereaved*. Inglaterra, Reino Unido: Routledge.
- Olabuénaga, J. I. (1999). *Metodologia de la investigación cualitativa* (2ª ed.). Bilbao, España: Universidad de Deusto.
- Parkes, C. M. (2009). *Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações*. São Paulo: Sammus.
- Quintana, A. M. (1999). *A ciência da benzedura*. São Paulo: EDUSC.
- Rocha, P. G., & Lima, D. M. A. (2019). Suicídio: peculiaridades do luto das famílias sobreviventes e a atuação do psicólogo. *Psicologia Clínica*, 31(2), 323–344. <https://doi.org/10.3320toche8/PC1980-5438V0031N02A06>.
- Scopel, L. D. T., & Conte, R. F. (2022). Posvenção com pais enlutados: uma estratégia de cuidado no contexto do suicídio. *PSI UNISC*, 6(1), 98-109. doi: 10.17058/psiunisc.v6i1.16445
- Silva, L. C. (2013). Suicídio: o luto dos sobreviventes, capítulo V. In Conselho Federal de Psicologia. *O suicídio e os desafios para a Psicologia*. Brasília: CFP.
- Tavares, M. S. A. (2013). Suicídio: o luto dos sobreviventes, capítulo IV. In Conselho Federal de Psicologia. *O suicídio e os desafios para a Psicologia*. Brasília: CFP.
- Worden, J. W. (2018). *Grief counseling and grief therapy: A handbook for the mental health practitioner* (5th ed). New York, NY: Springer Publishing.